



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

TEREZA GALVÃO

(depoimento)

2005

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-89

Entrevistado: Tereza Galvão

Nascimento: 06/06/1935

Local da entrevista: Porto Alegre/RS

Entrevistadores: Luanda Dutra

Data da entrevista: 28/02/2005

Transcrição: Luanda Dutra

Conferência Fidelidade: Camile Romero

Copidesque: Johanna Coelho Von Muhlen/Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Anna Maurmann

Fitas: (01 fita) 89/01-A

Total de gravação: 20 minutos

Páginas Digitadas: 12

Catálogo: Vera Maria Sperangio Rangel

Número de registro: 01708/2007/01

Número de registro da fita: 01708/2007/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

GALVÃO, Tereza. *Tereza Galvão (depoimento, 2005)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2007.

Sumário

História de Tereza Galvão; sua trajetória como aluna e professora da Escola de Educação Física da UFRGS, de 1952 a 1954 e de 1981 a 1994; sua experiência como docentes em escolas; detalhes sobre o cotidiano da ESEF: relações professor-aluno, diretoria, técnicos administrativos, etc.

Porto Alegre, 28 de fevereiro de 2005. Entrevista com Tereza Galvão, a cargo da entrevistadora Luanda Dutra para o Projeto ESEF 65 anos do Centro de Memória do Esporte.

L.D. - Então, assim, contando como é que foi que a senhora entrou na Escola, como é que foi essa entrada na Escola, se foi difícil porque a senhora é mulher... Educação física. Era difícil os pais aceitarem? Se não foi? Se os pais da senhora apoiaram essa decisão?

T.G. - Não! A minha entrada foi a coisa mais interessante. Eu ia fazer Medicina, aí eu tive uma queimadura por Raio-X e não pude estudar para Medicina todo aquele ano. Aí no outro ano eu estava bem na calma, sem saber o que fazer, tinha me formado no segundo grau, no científico e não sabia o que fazer. E a minha irmã veio fazer Educação Física, eu estava aqui em Porto Alegre. Ela veio fazer Educação Física, e eu disse: “Ah, eu vou fazer!” Bom, quando [riso]... A coisa mais engraçada, ela não pode fazer porque, naquele ano, passou para segundo grau e ela só tinha o ginásio, e eu passei sem estudar nada, assim com... Eu acho quarto ou quinto lugar, uma coisa assim. Foi por acidente a minha entrada, na realidade foi por acidente a minha entrada.

L.D. - A senhora não é de Porto Alegre, então?

T.G. - Não, sou de Alegrete, na fronteira.

L.D. - E tudo bem para os teus pais fazer Educação Física?

T.G. - É, eles não se importaram, porque eu estava parada, né? Aí, quando eu me formei, eu gostei muito da ESEF¹. Quando eu me formei, eu estranhei que o meu marido - o meu noivo naquela ocasião - disse assim: “Olha, tu não podes esperar a formatura.” Eu achei engraçado aquilo, fui para casa, o meu pai estava malíssimo e, eles não queriam me dizer porque eu estava em provas. Estava malíssimo, morreu a três de janeiro, daquele outro ano. Eu fiquei muito pouco tempo com ele. E aí, aquilo foi em janeiro, em abril eu já comecei a lecionar lá em Alegrete² mesmo, que eu tinha... O Ari Delgado³ era o Secretário da

¹ Escola de Educação Física da UFRGS.

² Cidade do Interior do Rio Grande do Sul.

Educação e, o pai tinha falado com ele antes de morrer para ele me empregar, e aí, eu comecei a lecionar. Tu vê só! Com vinte e um anos comecei a lecionar, umas mulheres da normal - tinha umas quantas mais velhas que eu -, já casadas, que começaram a estudar de novo. Olha, eu adorava Educação Física, quando a gente é pirralha, é muito bom o curso! Eu andava a cavalo, eu jogava vôlei no Sete lá, no Sete de Setembro⁴... Um curso de mulheres, andava à cavalo com os milicos [riso]. Era muito bom! Depois, eu vim para Porto Alegre, quando eu casei, e aí, eu fui lecionar no Leopoldo Teitelbaum⁵. E, começou em filho atrás do outro, um filho atrás de outro, eu tirei dois anos para tratamento de interesse no Leopoldo Teitelbaum, ali em Petrópolis⁶. Aí o meu marido disse assim: “Tu não vai mais voltar.” Quatro filhos. “Tu não vai mais voltar.” Chegou no vigésimo nono dia, eu *puf*, assumi. Aí, ele disse: “Agora tu não vai ficar lá, tu vai lecionar normal então!” Porque é... Não é todos os dias. Aí, foi outra coisa, engraçadíssima, para mim, as coisas acontecem por acaso. Eu cheguei, fiz um jantar lá em casa, que eu gosto muito dessas coisas de jantar, e a Leonor⁷, que lecionava no Primeiro de Maio⁸, me disse assim, eu disse: “Leonor, tu não sabe de uma vaga em Educação Física?” “Ué, lá na escola acabou de vagar uma!” Eu me toco para Secretaria de Educação, porque, naquele dia, quem achasse... Naquela época, quem achasse a vaga, era contratado. Uma mulher me disse assim - muito antipática – me disse assim: “Nada, a senhora não pode começar pelo interior.” Quando eu estou conversando assim, uma outra disse assim: “A senhora é Galvão?” Disse: “Sou!” “O que é do Dr. Nilo Galvão?” “Senhora!” Ela disse assim: “Ah não, se ela achou a vaga, a vaga é dela!” Olha só, que coincidência! “A vaga é dela!” “Mas como é que a gente vai fazer?” “A gente nomeia ela lá para Portão⁹...” – que eu nunca fui, nem sei onde é que fica – “e, comissiona ela no Primeiro de Maio.” Assim eu entrei no Primeiro de Maio. Agora, como é que eu entrei na UFRGS¹⁰? Eu faço o curso, por sinal fui muito bem e, a Lenea Gaelzer, me convidou para substituí-la, porque ela ia para Bélgica, ela estava com um projeto lá na Bélgica. Eu substituí. Era até julho, quando eu chego nas férias, começam as aulas, diz o senhor Neri¹¹ para mim: “Professora, a senhora não vai voltar?” Eu digo: “Ué

³ Nome sujeito à confirmação.

⁴ Referindo-se ao Colégio Sete de Setembro de Alegrete.

⁵ Escola Estadual de 1º grau Leopoldo Teitelbaum, localizada no Bairro Petrópolis.

⁶ Bairro de Porto Alegre.

⁷ Nome sujeito à confirmação.

⁸ Nome sujeito à confirmação.

⁹ Cidade do Interior do Rio Grande do Sul.

¹⁰ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹¹ Nome sujeito à confirmação.

seu Neri, não era até julho?” E, ele disse: “Não, a professora recontratou a senhora até dezembro.” Quando chegou até dezembro – isso que eu não queria – a diretora lá do Primeiro de Maio disse: “Mas Tereza, como é que tu não quer a UFRGS? O que é isso? Eu arrumo os horários aqui para ti. Não tem como tu não ir para UFRGS!” Aí, quando eu estou chegando em dezembro, o Ludwig¹², aquele que era Ministro da Educação, dá um canetaço, nomeando todo mundo que era contratado, assim eu entrei na UFRGS. Tu podes acreditar essa? O pessoal sua que nem uma desgraça para entrar e, eu entrei assim, sem querer querendo.

L.D. - Ah, tu vê!

T.G. - É! Aí nesse ínterim, eu estava em 79, quando eu estava fazendo a especialização, que eu tinha terminado; o meu marido ia começar pediatria no Hospital de Clínicas¹³. Eu disse para ele: “Como é que tu vais começar pediatria sem recreação hospitalar?” Ele não sabia nada! [sussurro] Nada! Comecei a estudar livros em inglês, é a única maneira que a gente tinha, não tinha bibliografia nenhuma. Quando inaugurou a recreação, inaugurou na minha sala já.

L.D. - Que legal!

T.G. - Então, agora, o ano passado, fez vinte e quatro anos, vinte e cinco anos, foi onde eu fui emplacada [riso], nas festividades dos vinte e cinco anos. Aí, eu fui emplacada, recebi um baita de um diploma, fui a primeira a ser chamada lá no auditório, uma sessão solene. Mas foi assim uma coisa fenomenal, gostei muito de ter feito essa recreação. Primeiro que o meu nome está perpetuado lá, segundo que abriu um campo vastíssimo de trabalho. Nós temos sete recreacionistas, temos acho que umas quatro ou cinco estagiárias, tudo da ESEF.

L.D. - Educação Física?

¹² Referindo-se ao Ex-Ministro da Educação Rubem Carlo Ludwig no período de 27/11/80 a 24/08/82.

¹³ Referindo-se ao Hospital de Clínicas de Porto Alegre.

T.G. - É, da Educação Física, eu não abro mão, digo: “Não pode ser de outra coisa.” Numa ocasião, até botei uma de educação para acompanhar a criançada na escola, mas não há a menor necessidade. Não há! Não há a menor necessidade! Porque o que as gurias sabem, dá para agüentar aquela criançada, nas lições de casa, para não deixar perder muito tempo.

L.D. - E, Tereza, do que a senhora lembra assim da memória, quando aluna, de alguma coisa, de repente, dos uniformes, das aulas, como é que eram os professores? Eram muito exigentes? Como é que era esse período quando tu foste aluna?

T.G. - Não era não! Não eram nada exigentes! Eu, para mim, que eu tinha um científico muito bom, que eu me preparava para Educação Física, eu achava tudo fácil, tudo fácil, fácilimo.

L.D. - E, usavam uniformes ou não precisava?

T.G. - Não! Uniforme para vôlei, uniforme... Não, não tinha uniforme! Agora tem?

L.D. - Não, não.

T.G. - Não, não tem!

L.D. - Tu acha que tu estudaste lá no campo do Cruzeiro¹⁴?

T.G. - É, foi! No campo do Cruzeiro!

L.D. - Era lá a ESEF toda?

T.G. - Toda a ESEF era lá!

L.D. - E tinha alguma cadeira que tu gostou muito ou destacou algum professor?

¹⁴ Esporte Clube Cruzeiro de Porto Alegre, fundado em 1913.

T.G. - Olha, eu me dava muito bem com o Targa¹⁵, que o pessoal implicava com o Targa, mas eu sempre me dei muito bem com ele. Com a Diná¹⁶ também, a Diná a mulher dele. Do Targa. Tinha aquele outro professor que era de esgrima, não me lembro o nome agora, mas era muito legal. Depois, eu encontrava ele sempre lá no Imbé¹⁷, que eu veraneio lá no Imbé, ele sempre passava por mim e a gente se cumprimentava.

L.D. - E, quando tu foste professora, professora de recreação...

T.G. - É!

L.D. - Como é que era organizado? Era por departamentos?

T.G. - É!

L.D. - Quem que fez parte do teu departamento na época?

T.G. - O Arno Black, a Morgada¹⁸, a Marlene¹⁹, todo mundo já deve estar aposentado.

L.D. - Tá! É o Arno...

T.G. - [riso] O Jaime, o Jaime Werner²⁰, deve estar na PUC²¹.

L.D. - Não sei se ele está, acho que ele está aposentado.

T.G. - Sim, foi meu colega de turma! Foi meu colega de turma lá no Cruzeiro, depois foi meu colega de departamento. A Lenea Gaelzer, a Diná²²...

L.D. - Tu guarda recordações boas, positivas como professora?

¹⁵ Referindo-se ao ex-diretor da ESEF, professor. Jacyntho Francisco Targa.

¹⁶ Referindo-se a professora Diná Targa.

¹⁷ Cidade do litoral do Rio Grande do Sul.

¹⁸ Referindo-se a professora Morgada Cunha.

¹⁹ Provavelmente referindo à Marlene Rodrigues Koeche.

²⁰ Referindo-se ao professor Jayme Werner dos Reis.

²¹ Referindo-se a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

T.G. - Olha, eu guardo! Mas sabe, assim... Sabe o que foi, eu fiquei muito tempo no Primeiro de Maio, a minha turma maior é do Primeiro de Maio. Nós fazemos chá, a gente se reúne, sabe? Na ESEF é tão interessante, a gente... Eu fiz uma turminha assim com a Marlene, com a Morgada, mas a gente não tem o hábito de se encontrar, não se formou esse hábito. É cada um vai, vai... Eu falo muito com a Morgada, porque a Marlene não mora aqui. Ou ela agora está morando de novo?

L.D. - Acho que agora está morando!

T.G. - Ah, é?

L.D. - A gente conversou com ela, ela morava aqui, ela estava morando aqui.

T.G. - Ah! E a Diná?

L.D. - A Diná está morando em Viamão!

T.G. - Ah, ela já estava.

L.D. - É já...

T.G. - E o... O Carioca²³?

L.D. - O Carioca, Porto Alegre, também. Ele foi professor junto contigo?

T.G. - Foi, junto comigo, é! O Carioca, como é o nome da mulher do Carioca?

L.D. - Elizabeth²⁴!

T.G. - A Beth, é. Ela era maravilhosa a Beth, mas como me dava bem. Mas diz que ele está doente.

²² Referindo-se a professora Diná Petenuzzo Santiago.

²³ Referindo-se ao professor Paulo Gilberto de Oliveira.

L.D. - Esteve doente, mas agora acho que já está um pouco melhor.

T.G. - É?

L.D. - Se recuperou, porque ele deu a entrevista para gente também.

T.G. - Está bem?

L.D. - Está bem!

T.G. - Ele tinha era diabetes.

L.D. - Acho que sim, não sei.

T.G. - É, furiosa, é! Vocês já entrevistaram o Camargo²⁵?

L.D. - Não, a gente vai entrevistar ele. E, alguma memória de algum aluno, de alguma aula especial que tu deste?

T.G. - Olha, eu tenho assim, uma vez, a gente fez um mutirão para atender um monte de crianças lá no Parque Marinha do Brasil²⁶. Choveu que foi uma desgraça! Mas choveu! Aí, a turma teve que improvisar tudo. Mas que coisa horrorosa! Era para ser uma coisa superlegal, tudo que a gente tinha combinado não pode sair. É muito chato isso. Outra vez, nós fomos na SOGIPA²⁷ também com os alunos, para arbitrarem as coisas, era Jogos da Juventude²⁸, sei lá o que era, nem me lembro mais! E aí, foi tudo bem, nesse aí foi bem, porque não choveu, agora quando chove e é uma multidão, é um horror!

L.D. - Tu trabalhaste junto com a Diná, então?

²⁴ Referindo-se a professora Elizabeth Dandrea.

²⁵ Referindo-se ao professor Francisco Camargo Netto

²⁶ Parque de Porto Alegre, inaugurado em 1978.

²⁷ Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867 passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre 1867, em 1942.

²⁸ Os Jogos da Juventude foram criados em 1995 pelo Governo Federal.

T.G. - Cheguei a trabalhar com a Diná, sim! Ela tinha umas turmas e eu tinha outras, eu dava a dois e ela dava a um.

L.D. - E, como era a relação professores e diretoria? Tu lembra? Qual era o diretor?

T.G. - Na minha época era o Guima²⁹. Foi o Camargo, foi o Guima, foram uns quantos! Acho que foi a Lenea também. Com a Lenea, eu comecei muito bem, depois me desentendi com ela, porque tudo que ela não queria fazer, ela me passava. Era um abuso de autoridade, sabe? “Tu é a minha assistente.” Eu digo: “Não, eu sou assistente da ESEF, não sou tua assistente.” Aí, nos estremecemos, mas no final, quando ela morreu, a gente já estava bem, já tínhamos baixado a crista.

L.D. - Já baixou a poeira?

T.G. - É, baixou a poeira! Mas ela teve uma morte muito estúpida, tu soubeste, né? Ela e o marido morreram numa volta de Cruz Alta ou de Santa Cruz³⁰, não sei da onde, numa curva, eles seguiram reto. Eu acho que dormiram, né? Só pode ser! É, morreram os dois juntos, foi uma coisa horrorosa!

L.D. - E a relação assim... Teve alguma administração da diretoria que se destacou, com pontos positivos ou com pontos negativos, que tu te lembre, que mudou depois que um assumiu?

T.G. - Não, negativo acho que não teve nada.

L.D. - E, a senhora chegou a pegar a época que se desfizeram os departamentos?

T.G. - Não!

L.D. - Não?

²⁹ Referindo-se ao professor Antônio Carlos Stringhini Guimarães.

³⁰ Cidades do Interior do Rio Grande do Sul.

T.G. - Tinha departamento. Não tem mais agora?

L.D. - Não!

T.G. - O que é agora? Cada um por si, Deus por todos? Báh, mas agora não tem vínculo com ninguém. Não sei se é bom ou se é ruim.

L.D. - E, os técnicos administrativos eram próximos de vocês ali?

T.G. - Me dava muito bem com essa da biblioteca, eu era uma traça...

L.D. - Rosalia³¹?

T.G. - É a Rosalia!

L.D. - [riso] Era uma traça!

T.G. - Eu era uma traça, estou sempre procurando livro. Até hoje, adoro ler! Tenho uma neta que puxou igualzinha, ela não dorme sem ler. Tu acreditas? Está com doze anos, não dorme sem ler, se ela não tem o que ler, ela me faz comprar um livro para ela. Harry Potter³², já leu todos. E, com aquela da secretaria que enviuvou, que agora trabalhava na UFRGS, como era o nome dela? Até teve uma guriuzinha depois que o marido morreu, a coisa mais triste! Não me lembro o nome dela, mas me dava muito bem com ela. Com aquele rapaz que agora trabalha... Um moreno que trabalha lá na UFRGS, na Reitoria, me dava muito bem com todos eles.

L.D. - A Marlene nos contou que tinha umas festas, vocês faziam uns encontros ali do departamento de recreação assim, que era muito divertido, tu tens alguma lembrança desse tipo?

³¹ Rosalia Pomar Camargo.

³² Personagem da literatura inglesa.

T.G. - É, mas era mais à tarde, no final do ano, não era nada assim, festa, né? Tinha encontros de jantar também.

L.D. - Tu chegaste a participar de algum movimento dos funcionários, da ASSUFRGS³³?

T.G. - Daqueles de greve?

L.D. - É.

T.G. - Sempre eu participava, sempre eu participava! Sempre eu entrava em greve! Mas de caminhar na rua assim, não. Isso eu nunca fiz.

L.D. - De militar não?

T.G. - Não!

L.D. - E como é que era essa... Como é que se organizavam os professores?

T.G. - Quase todos entravam em greve, tinham poucos que não entravam. O Jayme nunca entrava, não sei o que ele temia. O Jayme nunca entrava em greve. Aí, ficavam dando aula e adiantavam tudo, aí a gente chegava atrasada, suava depois para recuperar tudo. Uma vez, até a gente ficou até janeiro dando aula. Mas eu não abria mão não, imagina que eu ia deixar todo mundo sozinho, não mesmo! Cada um tem que cooperar.

L.D. - A cadeira de Recreação II, que é agora é recreação hospitalar e asilo, quando a senhora fez já existia?

T.G. - Não!

L.D. - A senhora que criou?

³³ Associação dos servidores da UFRGS.

T.G. - Essa coisa de asilo e hospitalar, foi eu que criei, não tinha! Eu fiz um curso, esse de especialização, que me abriu os olhos para isso, porque nós tínhamos um professor, o mister Teith³⁴, que era americano, e ele ainda me desafiou: “Mas se o seu marido vai abrir a recreação no hospital, por que...” – ele falava tudo engraçado – “...por que a senhora não propõe de abrir?” Aí eu propus mesmo! [risos] Foi um desafio e tanto, gurria! Porque não tinha nada aqui, aí ele me trouxe livros de lá.

L.D. - Qual era o curso, a senhora se lembra? O nome do curso da especialização?

T.G. - Especialização em recreação, ginástica e recreação. Tanto que a Marlene fez, a Margot³⁵ fez, o Jayme fez. Eu nunca pude fazer mestrado, porque mestrado tinha que sair, ou ir para Espanha, ou ir para Portugal, ou ir não sei para onde. E, eu, com quatro filhos e marido... Nunca pude! E aí, a gente vai entrando em defasagem. Então, quando chegou nos sessenta, me aposentei por idade, fazia quinze anos que eu estava lá.

L.D. - Tu tem saudades do tempo que tu lecionava?

T.G. - Olha, saudade mesmo eu não tenho, porque é muito bom estar em casa! [riso] Isso que eu trabalhava lá no hospital. Do Estado eu fui cedida, me aposentei com trinta anos, fui cedida para o hospital, mas era um... Saía de lá e ia para o hospital, saía do hospital e ia para lá. É muita coisa.

L.D. - É muito corrido!

T.G. - É, muito corrido!

L.D. - Então, eu queria agradecer a entrevista. Fiquei muito feliz, a senhora é muito simpática!

T.G. - Ah, muito obrigada!

³⁴ Nome sujeito à confirmação.

³⁵ Referindo-se a professora Margot Leni Taube.

L.D. - E, a gente fica então, sempre em contato com a senhora sobre o projeto, se a senhora quiser saber... E, fico na expectativa se a senhora lembrar de alguma outra coisa...

[FINAL DO DEPOIMENTO]